



PESQUISA

Levantamento do IPEDF revela aumento de 19,8% na população em situação de rua do Distrito Federal em três anos. Plano Piloto e Ceilândia concentram o maior número de pessoas. GDF vai criar abrigo no SAAN

Vinicius de Melo/SEEC DF



Ao lado da secretária de Desenvolvimento Social, Ana Paula Marra, e do diretor-presidente do IPEDF, Manoel Clementino, o secretário Gustavo Rocha (C) anunciou duas mil vagas para acolhimento de pessoas em situação de rua

Quase 3,5 mil pessoas vivem nas ruas do DF

» CARLOS SILVA

A capital do país viu crescer, nos últimos três anos, o número de pessoas vivendo em situação de rua. De acordo com o 2º Censo Distrital da População em Situação de Rua (confira QR Code acima), conduzido pelo Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF), 3.521 pessoas foram identificadas nesta condição — um aumento de 19,8% em relação ao levantamento anterior, realizado em 2022, quando foram registradas 2.938 pessoas.

A maior parte dessa população está longe de representar apenas a imagem estereotipada de homens em praças públicas. O censo mostra um quadro mais complexo e diverso: embora 81,8% sejam homens, há mulheres (16,3%), pessoas intersexo (0,2%) e uma maioria esmagadora de pessoas negras — 80,7%, somando-se os que se declaram pretos (24,4%) e pardos (56,3%).

Diante do panorama, o Governo do Distrito Federal (GDF) reforçou o discurso de que atua com uma política pública multidisciplinar. Entre as novidades está a criação de espaços de pernoite com estrutura para acolher também animais de estimação. “Vamos inaugurar o primeiro pernoite com estrutura para os animais agora no Setor de Abastecimento e Armazenamento Norte (SAAN). A pessoa poderá dormir e seu cachorro também terá abrigo, água e alimentação”, explicou o secretário da Casa Civil, Gustavo Rocha, ao lado da secretária de Desenvolvimento Social, Ana Paula Marra, e do diretor-presidente do IPEDF, Manoel Clementino. A previsão é de que o espaço seja aberto neste semestre.

Rocha destacou que a iniciativa é voltada para reverter o modelo anterior, baseado apenas na remoção das pessoas dos espaços públicos, sem oferecer alternativas reais de reinserção. “Antes, a política era só de retirada. A pessoa saía de um lugar e ia para outro, sem ter para onde ir. Hoje, queremos acolher e dar condições reais para que ela saia da situação de rua”, disse.

Apesar do crescimento geral, o número de crianças em situação de rua

caiu 52,6% desde 2022, passando de 255 para 121. Ainda assim, 71,9% delas estão na faixa de até 11 anos. Há predominância de meninas entre os menores de idade, especialmente nas faixas mais jovens (até 11 anos). A maioria das crianças (72,5%) está nas ruas por acompanhar familiares ou amigos, e apenas uma minoria relatou causas como expulsão de casa ou perda da moradia (ambos com 3,9%).

Dos identificados, 76,1% estavam literalmente nas ruas — calçadas, marquises, praças, canteiros centrais e estacionamentos — um aumento expressivo comparado a 2022, quando representavam 65,2% do total. Outros 19,3% foram abordados enquanto estavam em serviços de acolhimento e 4,4%, em comunidades terapêuticas.

Essas mesmas ruas, segundo o IPEDF, são os locais de pernoite mais comuns para 71,2% dos entrevistados. Uma parcela significativa (30,3%) busca abrigo em paradas de ônibus e estações de metrô. Terrenos baldios e pequenos lixões são escolhidos por 11,5%, e 9,5% pernoitam em matas ou no cerrado.

A cena se repete com frequência: 69% disseram que iriam dormir na rua na noite da pesquisa. Apenas 21% dormiriam em algum serviço de acolhimento. A diferença de gênero é significativa — enquanto 35,2% das mulheres procuraram abrigo, entre os homens, esse número cai para 18,9%.

Recorte regional

O levantamento detalhou também a distribuição territorial. O Plano Piloto continua liderando o número absoluto: 897 pessoas (25,4%). Mas o maior salto foi em Ceilândia, que passou de 370 pessoas em 2022 para 719 em 2025 — um aumento de 94,3%. Taguatinga e São Sebastião, por outro lado, registraram quedas de 12,5% (saindo de 351 pessoas em situação de rua para 307) e 33,7% (uma redução de 385 para 255), respectivamente.

Em relação aos serviços de acolhimento no Distrito Federal, as regiões de Ceilândia, Taguatinga, São Sebastião, Planaltina, Águas Claras e Itapoã



Vinicius de Melo/SEEC DF

GDF anunciou duas mil vagas para acolhimento de pessoas em situação de rua

Distribuição da população em situação de rua por cidade

REGIÃO ADMINISTRATIVA	QUANTIDADE	PROPORÇÃO
Plano Piloto	897	25,4%
Ceilândia	719	20,4%
Taguatinga	307	8,7%
São Sebastião	255	7,2%
Planaltina	142	4,03%

Autodeclaração de raça/cor

Parda	56,3%
Preta	24,4%
Branca	4,5%
Indígena	1,8%
Amarela	1,3%

Distribuição por faixa etária

Até 11 anos	2,1%
12 a 17 anos	0,8%
18 a 30 anos	20,1%
31 a 49 anos	51,2%
50 a 59 anos	15,5%
60 anos ou mais	7,4%

registram um número considerável de pessoas atendidas. Especificamente, Ceilândia acolhe 112 pessoas, Taguatinga 124, São Sebastião 193, Planaltina 41, Águas Claras 111 e Itapoã 100. Esses dados refletem a distribuição dos serviços de acolhimento e a busca por esses recursos por parte da população em situação de rua nessas regiões.

Fora de casa

Outro dado que chama atenção é o tempo de permanência. Para 42,4% dos entrevistados, a rua já é realidade há pelo menos cinco anos — e 28,7% estão

nessa condição há mais de uma década. Quase metade (46%) chegou a sair da situação de rua em algum momento, mas retornou, sendo que 33,4% voltaram nos últimos dois anos.

A população de rua do DF não nasceu, majoritariamente, na capital. Cerca de 63% vieram de outros estados. Os principais motivos foram a busca por trabalho (42,9%), o acompanhamento de familiares (22,1%) e tratamento de saúde (7,3%). A pesquisa também identificou indivíduos originários de 17 países distintos, com destaque para a Venezuela, que concentra a maioria dos estrangeiros (60,3%, totalizando 38

pessoas). Em seguida, a Argentina aparece com 7,9% (cinco pessoas), seguida por Colômbia e Irã, ambos com 4,7% de representatividade (três pessoas cada).

Desigualdade

Para a professora Larissa Matos, do Ceub, o aumento da população em situação de rua no DF é reflexo direto da precarização das condições de vida, sobretudo entre os mais pobres. “O desemprego, a informalidade e o aumento do custo de vida, impulsionado pela inflação, empurram famílias para a rua. Ao mesmo tempo, a desigualdade social se acentua: temos uma das maiores rendas per capita do país, mas também uma das maiores concentrações de renda”, ressaltou a doutora em pesquisa do comportamento e docente de serviço social.

Larissa também chamou atenção para o alto índice de pessoas que retornam às ruas mesmo após terem sido acolhidas temporariamente. Para ela, isso revela a fragilidade das políticas públicas atuais, que muitas vezes são emergenciais, descontinuadas e não articuladas entre diferentes áreas como saúde, habitação e assistência social. “O foco ainda está muito centrado na retirada imediata das ruas, sem promover inclusão produtiva, apoio psicológico e reconstrução de vínculos sociais”, enfatizou.

Dignidade

A secretária de Desenvolvimento Social do DF, Ana Paula Marra, reforçou que a assistência social vai muito além do assistencialismo. Segundo ela, garantir dignidade é o ponto de partida para qualquer política voltada à população em situação de rua. “Não tem como colocar todas as mais de 3 mil pessoas na mesma caixa. Ali existem casos de saúde mental, abandono familiar, dependência química e tantas outras situações”, afirmou.

Entre as iniciativas que buscam a re-integração social, Ana Paula chamou atenção para o esforço da reconstrução de vínculos familiares. “Em 2024, concedemos 2.506 passagens interestaduais para pessoas que queriam retornar ao convívio da família. Esse é um trabalho silencioso e incansável”, disse. Ela também ressaltou a importância da criação de espaços de pernoite no Distrito Federal, inspirados na experiência durante a pandemia, quando a adesão a abrigos provisórios superou expectativas. “A ideia é que o pernoite seja uma porta de entrada para o acolhimento completo, onde a pessoa possa começar a reconstruir sua autonomia”, completou.